



COSTA, João Pedro Bénard da (Lisboa – 1935, Lisboa – 2009)

João Bénard da Costa, como é vulgarmente conhecido, é considerado e hoje recordado como uma das mais notáveis personalidades da cultura portuguesa dos últimos anos. Referir que foi professor, escritor e, sobretudo, cinéfilo, é muito pouco face à sua invulgar cultura aliada a uma imensa criatividade despoletada por um modo sensível e apaixonado de exprimir o que quase não se consegue verbalizar: o universo dos sentimentos humanos revelados na (e através da) arte. Nasceu em Lisboa a 7 de Fevereiro de 1935 no seio de uma família da alta burguesia, filho de João Pedro da Costa e de Maria Margarida Bénard. Começou por estudar Direito, mas acabou por licenciar-se com distinção, em 1959, em Ciências Histórico-Filosóficas, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma tese intitulada *Do tema do “Outro” no Personalismo de Emmanuel Mounier*. Apesar de convidado pelo Professor Delfim Santos para seu assistente na referida faculdade, a sua carreira universitária foi impedida de prosseguir devido à intervenção da PIDE. O seu interesse pelo cinema Português e estrangeiro revelado desde muito cedo, como podemos constatar através de muitas das suas obras sobre cinema, mas que não deixam de ter um pendor marcadamente autobiográfico – como *Muito lá de Casa* (1993) – demonstra o fascínio pelas mentalidades e culturas estrangeiras, bastante mais abertas que a Portuguesa em termos éticos, políticos e culturais...

Entre 1959 e 1965 foi professor no ensino liceal, leccionando História e Filosofia no Seminário Menor de Almada, no Externato Frei Luís de Sousa na mesma cidade, no Liceu Camões e no Colégio Moderno em Lisboa. A marca da História no seu pensamento e na sua obra escrita revela-se uma constante. É particularmente visível na compilação dos seus discursos, enquanto Presidente da Comissão das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Cargo para o qual foi nomeado pelo Presidente da República e que exerceu ao longo de onze anos, de 1997 a 2008. Nesses discursos celebra cada cidade portuguesa com uma evocação histórica precisa, invocando personalidades locais marcantes. Logo num dos seus primeiros discursos, de 1998, na cidade de Lisboa, começa por referir que em Setembro de 1968, Marcelo Caetano ao tomar posse do cargo de Presidente do Conselho de Ministros afirmou, num dos discursos políticos mais aguardados deste século, que não queria ver

‘os portugueses divididos entre si como inimigos’. Desenvolve esse pensamento referindo que nos últimos dois séculos da História de Portugal os portugueses sempre agiram como divididos e inimigos entre si: durante as invasões napoleónicas; divididos como inimigos entre absolutistas e liberais, facto que culminou numa guerra civil que, com as suas consequências e prolongamentos, devastou o País de 1815 a 1851; e vai por aí fora... (1998-2008. *Os dias de Portugal*, 2010, pp. 14-15) Ou seja, percorre de uma maneira resumida mas concisa e essencial a História do nosso país, procurando justificar a ideia de que o passado é indispensável para compreender o nosso presente. Por isso refere no mesmo discurso, estabelecendo o nexó causal entre a história nacional e a história individual: “Se quem teme o futuro, é a mais provável vítima dele, quem teme o passado também não poderá vencer. Seremos o que formos, quando formos capazes de assumir que o fomos. Ai daquele que se arrepende do que foi, porque ainda o é. Se esta máxima é válida para a nossa história individual – que não se diga pequena, pois que é a única que é grande – é-o igualmente para a nossa história colectiva. Como a história nos ensina, de cada vez que se quis recomeçar do zero – um homem novo, uma sociedade nova – sempre se acabou em formas piores do que aquelas que se procurou derrubar.” (*Ibidem*, p. 17). Na cidade de Bragança, em 2004, volta a invocar o passado para o aplicar ao momento presente quando cita o Abade de Baçal, numa passagem que data de 1912, para sublinhar que o lamento do Abade se mantém no Portugal actual: “Por Deus! Cessemos de dar, perante o estrangeiro, o triste espectáculo de um povo que é incapaz de construir o seu futuro e não aprecia as tradições do seu passado.” (*Ibidem*, p. 55). A esta perspectiva histórica alia também a sua imensa cultura fílmica. É o que sucede em Viseu, no seu discurso de 10 de Junho de 2000. Nesse mesmo ano, informá-nos João Bénard da Costa, comemorou-se o centenário do nascimento de Luís Buñuel, realizador este que pensou rodar em Viseu o seu filme *Tristana* (1970), após uma visita à cidade portuguesa. Essa decisão, como nos explica, surgiu depois dos incidentes com a censura que tinham marcado a estreia de *Viridiana* (1961) e que fizeram o realizador espanhol temer que o não deixassem filmar em Espanha. Viseu poderia assim, no seu entender, substituir Toledo – onde se situava a acção da novela homónima de Pérez Galdós, que o filme pretende adaptar (*Ibidem*, p. 26).

No percurso biográfico não se pode esquecer a perseguição política de que foi vítima, em 1957 / 1958 foi Presidente - Geral da Juventude Universitária Católica e dirigente cineclubista no Centro Cultural de Cinema (CCC), entre 1957 e 1960. Entre os anos de 1960 e 1963 foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Os cineclubes

foram muito importantes para a sua formação cinéfila. João Bénard da Costa refere que foi neles que começou a aprender cinema: “aprendia-se muito e uma geração – a minha – deve o amor pelo cinema a essas históricas sessões dos cineclubes, que nos fins dos anos 50 começaram a ser implacavelmente perseguidos por um regime cada vez mais suspeito deles.” (*Os filmes da minha vida / Os meus filmes da vida*, 1990, p. 7). A sua primeira actividade como programador foi no Cine-Clube Universitário de Lisboa, no ano de 1956-57, publicando sempre enquanto defensor das ideias católicas, o seu primeiro texto sobre um filme, mais precisamente sobre *Miracolo a Milano*, de Vittorio De Sica. Sobre este texto, João Bénard da Costa refere que o escreveu numa prosa “tão cristã quanto marxista, em tempo de linguagem cifrada.” (*Ibidem*) Os cineclubes eram publicamente acusados pelo regime salazarista de estarem ligados ao Partido Comunista e, por isso, eram perseguidos pela polícia política. A sua programação exibia filmes do neo-realismo italiano, o realismo poético francês, alguns filmes americanos, o realismo mexicano e filmes ingleses – todos os que conseguiam passar pela censura. Porém, segundo o seu testemunho, nos cineclubes “nem tudo era ortodoxia. Pelo contrário, até muita heterodoxia se fabricou lá” (*Ibidem*) - também devido à aliança entre os católicos de esquerda e os comunistas, da qual João Bénard da Costa fazia parte. Referir que alguém era “de esquerda” podia ser motivo de prisão no Portugal daquela época, por isso dizia-se que eram “católicos progressistas”. E era com essa designação que João Bénard da Costa se identificava, mudando por isso, em 1957, do Cine-Clube Universitário de Lisboa para o Centro Cultural de Cinema (CCC), também conhecido como Cineclube de Universitários para uma Cultura Cristã. Como explica António Rodrigues, para além das afinidades de cultura cristã e de classe, outros dois factores foram importantes para a sua ligação ao CCC: um deles prendia-se com o facto de os filmes escolhidos serem diferentes dos exibidos nos outros cineclubes, por se relacionarem com o espírito do catolicismo (Bresson e Rossellini eram os seus realizadores de eleição); o outro factor relacionava-se com os textos de apresentação dos filmes que eram escritos pelos próprios dirigentes do cineclube. Este último factor explica as preciosas “folhas da Cinemateca”, nenhuma Cinemateca europeia as tem, excepto a Cinemateca Portuguesa. De facto, “ficaria fiel a esta prática durante os quase quarenta anos da sua carreira de programador.” (*Magníficas obsessões*, 2011, pp. 32-33).

João Bénard da Costa foi, também, um dos fundadores da revista *O Tempo e o Modo*, em 1963; foi seu chefe de redacção e, entre 1963 e 1970, seu director. Foi

investigador no Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Calouste Gulbenkian de 1964 a 1966 e Secretário Executivo da Comissão Portuguesa da Associação Internacional para a Liberdade da Cultura - este último cargo exerceu-o de 1966 a 1974. Quando foi criado o Sector de Cinema do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, em 1969, assumiu funções de responsável por este serviço até 1991. Regressou ao ensino de 1973 a 1980, como Professor de História do Cinema da Escola Superior de Cinema do Conservatório Nacional. Leccionou a mesma disciplina em 1994-95 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e, em 1999-2000, na Universidade Lusófona.

Até aos trinta e nove anos de idade, João Bénard da Costa nasceu, viveu e formou-se em Portugal durante o regime autoritário denominado Estado Novo, primeiro com Salazar e depois com Marcelo Caetano enquanto únicas figuras representativas do governo português. Pela própria natureza do regime autoritário que implicou a existência da censura a todas as formas de expressão artística, muitos filmes importantes que marcaram a história do cinema não podiam ser exibidos em território nacional. Até mesmo quando não era proibido, um filme podia ser cortado nas suas legendas e / ou imagens ou sofrer alterações nos seus diálogos. As restrições eram de natureza política, religiosa e moral e, talvez também por isso, esta ausência de filmes fundamentais em Portugal foi mais longa do que em qualquer outro dos países da Europa onde tenha existido uma ditadura. Se, por exemplo, o filme de Julien Duvivier, *Pépé-le-Moko* (1936), não foi distribuído comercialmente em Portugal, tal facto pode, provavelmente, ser explicado pelo seu desenlace final, no qual o bandido é impedido de ser preso - e por isso de cumprir o merecido castigo - porque se suicida. Por estas razões, João Bénard da Costa só conseguiu ver o clássico *O couraçado de Potemkine* (1925), realizado por Eisenstein, quando já tinha vinte e três anos de idade, na sua primeira viagem a Paris. Este filme esteve proibido em Portugal ao longo de quarenta e nove anos (*Ibidem*, pp. 20-21).

Em 1980, João Bénard da Costa foi nomeado subdirector da Cinemateca Portuguesa, seu Director em 1991 e em 1997 tornou-se seu Presidente. Em 2007, voltou a ser nomeado seu director devido à alteração da lei da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema. A sua função como programador foi marcante no panorama cinéfilo português e explica-se por ter sido formado pela cinefilia, pelo amor ao cinema. Se ainda existem programadores assim são muito raros. Ao contrário da maioria dos programadores de cinema, João Bénard da Costa não baseou a sua actividade num perfil

relacionado com o mundo académico ou universitário, o que implicaria a proibição de envolvimento pessoal do espectador e do sentimento de prazer inerente. À semelhança de muitos da sua geração, mas também de gerações anteriores ou posteriores à sua, João Bénard da Costa descobriu o cinema através de um itinerário pessoal. Talvez esta sua ligação emocional ao cinema possa explicar, como refere António Rodrigues, “os seus *blind spots*, como Fellini e o cinema documentário de um modo geral, de que não gostava. Sobretudo por ter sido formado pelos *Cahiers du Cinéma* dos anos 50 (tinha ele dezasseis anos quando a revista foi fundada sobre as cinzas da *Revue du Cinéma*) (...)” (*Ibidem*, p. 19). Como este autor refere em seguida, para alguém como João Bénard da Costa, formado nos anos 50, quem realizou na vida um bom filme é um grande realizador para sempre e, por isso, a um grande cineasta não lhe é permitido realizar filmes maus. Esta sua subjectividade, inerente ao modo como entra literalmente em cada filme que vê, é revelada explicitamente através de uma marca de escrita existente nas folhas da Cinemateca por si escritas: João Bénard da Costa sublinha palavras ou pedaços de frases como forma de salientar a importância desse aspecto no contexto do que pretende dizer. Esse sublinhar é outro modo de superlativar determinado aspecto que considera emocionalmente pertinente e absoluto para a compreensão de um dado filme, à semelhança do modo como na sua obra *Muito lá de casa* (1994) confessa que se apaixonou perdidamente por Esther Williams... Mas também por Joan Fontaine, e também por Alida Valli... Todas elas “as mais bonitas mulheres do mundo”, ainda que mais tarde, como confessa, tenha mudado algumas vezes de opinião e gosto.

Quanto a publicações, para além da sua colaboração dispersa em variadas revistas e jornais, nacionais e estrangeiros, publicou diversas obras de pedagogia, filosofia e, sobretudo, história do cinema. Entre estas últimas podem incluir-se as monografias editadas pela Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, sobre realizadores e géneros cinematográficos: *Luís Buñuel* (1982), *Alfred Hitchcock* (1982), *John Ford* (1983), *Fritz Lang* (1983), *Nicholas Ray* (1984), *Josef Von Sternberg* (1984), *O Musical* (1987, dedicado a este género cinematográfico), *Howard Hawks* (1988). Entre as suas obras, contam-se ainda *Os filmes da minha vida / Os meus filmes da vida* (1990) e *Os filmes da minha vida*, 2º vol. (2007). O primeiro volume reúne a primeira série das suas crónicas publicadas no jornal *O Independente* de 1988-89; o segundo reúne as cinquenta e duas crónicas que publicou no mesmo jornal, entre 26 de Janeiro de 1996 e 23 de Maio de 1997, sob o título “Os melhores filmes da nossa vida.” Em

ambas as obras, João Bénard da Costa escolhe alguns dos filmes que considera mais especiais e comenta-os aprofundadamente. As suas reflexões, sempre fundamentadas, não deixam de ser marcadamente pessoais até porque, como avisa na introdução ao segundo volume: “Não vou ser – nunca serei – objectivo. Não vou servir filmes ‘pronto-a-vestir’, como os que invariavelmente encabeçam as invariáveis listas dos ‘melhores filmes de todos os tempos’. Melhores, só os melhores para mim. Vida só sei da minha e não das vossas. Mais grave ainda: acredito que a minha é nossa e que a nossa é minha.” (*Os filmes da minha vida*, 2º vol., 2007, p. 12). Em 1991 publica *Histórias do cinema português*, e esta talvez seja a obra onde consegue aliar de modo mais harmonioso a sua inerente e única subjectividade a uma vontade absoluta de transmitir objectividade histórica – que, como referimos, esteve sempre presente ao longo de toda a sua obra, ainda que indirecta ou subtilmente. Exemplos desta afirmação são, para além de parágrafos nos quais descreve o contexto histórico, social e político de Portugal, as notas de rodapé que vão percorrendo esta sua obra, apresentando pequenas biografias de personalidades importantes da história de Portugal, que vão acompanhando o percurso da história do cinema português: caso de reis de Portugal, Mário Soares ou Otelo Saraiva de Carvalho. Esta sua atenção aos acontecimentos históricos é revelada explicitamente a dado passo: “Curiosamente, a evolução do cinema português desenhou nestes 14 anos uma curva semelhante à curva política.” (*Histórias do cinema português*, 1991, p. 165) Publicou também *O Cinema português nunca existiu* (1996), obra destinada a comemorar os cem anos do cinema português e na qual comenta, de forma aparentemente paradoxal, o facto de em Portugal não existir uma tradição de cinema que permita o surgimento inquestionável do conceito de “cinema clássico português”. O livro *Histórias do cinema português* foi também editado em inglês, francês (1991) e alemão (1997). Entre estas duas obras, publicou *Muito lá de casa* (1994). Esta sua obra de 1994, que consiste na compilação de crónicas suas publicadas em jornal revela, sobretudo, a sua relação emocional com o cinema ao seleccionar, comentando, diversos actores e actrizes que marcaram a sua vida. Como refere na nota à 2ª edição da obra, João Bénard da Costa admite que as alterações e correcções à 1ª edição são mínimas: “E digo-vos com franqueza que não me apeteceu acrescentar mais ninguém. Este não é um livro sobre ‘lá de casa’, mas um livro sobre ‘muito lá de casa’. O advérbio é de tempo. Não se aplica a visitas recentes, que da casa ainda só conhecem as salas e o quarto de banho.” (*Muito lá de casa*, 2007, p. 10, itálico do autor). Entre esses actores e actrizes, na sua maioria pertencentes ao cinema clássico americano, encontram-se retratados,

entre outros, Gary Cooper, Joseph Cotten, Joan Fontaine, Gene Thierny, James Mason, Ingrid Bergman. A sua relação com estas figuras que via no cinema é particularmente subjectiva, porque descreve a relação que estabeleceu com elas ainda e simplesmente enquanto espectador, antes de se tornar cinéfilo. A proximidade afectiva que une João Bénard da Costa a estas personagens permite-lhe traçar-lhes um auto-retrato como se fossem familiares seus, amantes ou amigos de infância. Por exemplo, no que respeita a Joan Fontaine, escreve: “Não me peçam mais pormenores físicos que já disse que os esqueci. Mas nunca tinha visto uma mulher tão bela (pelo menos assim o achei) e essa foi a justificação que dei para o assolapamento. Vezes sem conta, quando a imagem dela mais me fugia, corri para a entrada do Éden, para voltar a ver cartazes e fotografias e para a tentar agarrar.” (*Ibidem*, p. 31).

Entre 1990 e 1995, João Bénard da Costa foi Presidente da Comissão de Programação da Federação Internacional de Arquivos de Filmes (FIAF). O capítulo “Cinema Português” da enciclopédia *Einaudi*, incluído na História do Cinema Mundial, coordenada por Gian-Piero Brunetta, de 2000, foi da sua responsabilidade. Podem ainda ser encontrados ensaios seus sobre cinema português em obras colectivas sobre arte do século XX, editadas pelo AR.CO (1999) e pelo Centro Nacional de Cultura (1998). Para além destas publicações, foi convidado em 2004, pelo Instituto Complutense de Ciencias Musicales de Madrid para coordenar o volume dedicado a Portugal da História do Cinema Espanhol, Português e Ibero-americano, que pretendia ser editado em 2010. Além destas publicações, foi colunista dos jornais *Expresso* e *Público*. Outros estudos, para além do cinema e da sua história são reveladores da sua extensa cultura e variados interesses. É o caso das seguintes obras: *Emmanuel Mounier* (Moraes, 1960), *Os silêncios do Vaticano* (Moraes, 1966), *Da pedagogia não directiva como pedagogia personalista* (Gulbenkian, 1966), *Nós os vencidos do Catolicismo* (Tenacitas, 2003). Nesta sua obra de 2003, João Bénard da Costa reúne uma série de crónicas que tinha publicado em Agosto de 1997 no semanário *Independente*. Estas crónicas assentam no poema de Ruy Belo “Nós os vencidos do catolicismo” e constituem um testemunho pessoal de militante católico e que culmina numa situação de ruptura com a estrutura orgânica e hierárquica da Igreja. Esta expressão, que consiste no título daquele poema, ganhará um sentido geracional graças a João Bénard da Costa, seu principal divulgador. Como referimos atrás, esta sua posição religiosa está também relacionada com a oposição ao regime autoritário que então se vivia: “Multiplicávamo-nos [no início dos anos 60] em intervenções e debates. As encíclicas de João XXIII, o Concílio,

justificavam-nas e exigiam-nas e não havia ‘sessões de esclarecimento’ numa igreja ou salão paroquial qualquer, em que não aparecêssemos como tropa de choque a pôr em relevo a contradição crescente entre o pensamento do papa e a obra do regime.” (*Nós os vencidos do Catolicismo*, 2003, p. 68)

Foi, também, actor em mais de uma dezena de longas-metragens de Manoel de Oliveira, sob o pseudónimo de Duarte d’ Almeida. Representou uma personagem no filme *Recordações da Casa Amarela* – 1989, realizado por João César Monteiro. A relação de João Bénard da Costa com Manoel de Oliveira era muito próxima. Quando o realizador completou cem anos de idade também a Cinemateca completava cinquenta anos de existência e João Bénard da Costa dedicou-lhe a conclusão dos festejos de aniversário da Cinemateca, com uma retrospectiva quase integral da sua obra até à data, de 17 de Outubro a 17 de Dezembro de 2008 – excluindo apenas *Visitas ou memórias de confissões*, de 1982, que por determinação do próprio Manoel de Oliveira só poderá ser exibido depois da sua morte.

Para além do já referido cargo de Presidente da Comissão das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, que exerceu ao longo de onze anos, de 1997 a 2008, João Bénard da Costa foi sócio honorário do Centro Nacional de Cultura e membro da Academia Portuguesa de História.

No que respeita a prémios e distinções, foi agraciado com a Ordem do Infante D. Henrique pelo Presidente Mário Soares em 1990, e, em 2005, com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo, pelo Presidente Jorge Sampaio. Foi agraciado, em Novembro de 2005, com o Grau de *Commandeur des Arts et des Lettres de França* (era *Officier* desde 1983) e, no mesmo mês, foi-lhe concedida a Medalha de Honra da Escola Superior de Teatro e Cinema, como forma de homenagem por parte dessa Escola. Em Abril de 2006, foi agraciado com a Ordem da Estrela da Solidariedade Italiana. Em 1995, foi-lhe concedido, como primeira atribuição, o Prémio de Estudos Fílmicos, pela Universidade de Coimbra. O Prémio Pessoa foi-lhe atribuído em 2001. Por fim, em 2008 foi-lhe atribuído o prémio da *Crónica João Carreira Bom* e, em Setembro desse mesmo ano, foi distinguido com a Medalha de Mérito Cultural pelo Ministro da Cultura.

Até ao fim da vida, João Bénard da Costa amou e entregou-se ao cinema; como apaixonado que era impregnava as datas e os acontecimentos de uma simbologia muito própria: deixou definitivamente a Cinemateca no último dia útil de 2008. No dia 22 de Maio de 2009 – o dia a seguir ao da sua morte – enquanto o seu corpo era velado na igreja que ele próprio escolhera para o efeito, como refere António Rodrigues, “a

Cinemateca com as portas franqueadas a todos, mostrava um filme, o seu ‘filme da vida’ que por caminhos secretos talvez fosse, de certa forma, o filme da vida dele: *Johnny Guitar*. Foi a última sessão de cinema programada por João Bénard da Costa (...)” (*Magníficas obsessões*, 2011, p. 159). Mas tudo o que fez pela cultura portuguesa em geral e pelo cinema em particular jamais será esquecido; ficará “muito lá de casa”; ou melhor, João Bénard da Costa ficará para sempre na nossa casa.

Bibliografia activa: *Emmanuel Mounier*. Lisboa, Moraes Editores, 1960; *Os silêncios do Vaticano*. Lisboa, Moraes Editores, 1966; *Da pedagogia não directiva como pedagogia personalista*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1966; *Os filmes da minha vida. Os meus filmes da vida*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1990; *Histórias do cinema português*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, *Muito lá de casa*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1994 / 2007; *O cinema português nunca existiu*. Lisboa, CTT – Correios de Portugal, 1996; *Nós os vencidos do Catolicismo*. Coimbra, Tenacitas, 2003; *Os filmes da minha vida*. 2º Vol. Lisboa, Assírio & Alvim, 2007; *Como o cinema era belo*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007; 1998-2008. *Os dias de Portugal. Discursos de João Bénard da Costa*. Coordenação de Lúcia Guedes Vaz e Pedro Rapoula. Lisboa, Edição da Presidência da República, 2010.

Bibliografia passiva: REVEZ, Jorge, *Os “vencidos do catolicismo”. Militância e atitudes críticas (1958-1974)*. Prefácio de Sérgio Campos Matos. Lisboa, Centro de Estudos de História religiosa – Universidade Católica Portuguesa, 2009; “João Bénard da Costa”. [Consult. 12 de Outubro de 2011]. Disponível em: [http // pt.wikipedia.org.](http://pt.wikipedia.org;); RODRIGUES, António, *Magníficas obsessões: João Bénard da Costa, um programador de cinema*. Lisboa, Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, 2011.

Ana Bela Morais